

“ALÔ, ALÔ! TELEFONISTA!”

Por William Chapman White

Autor de «These Russians»,
«The Pale Blonde of Sands Street», etc.

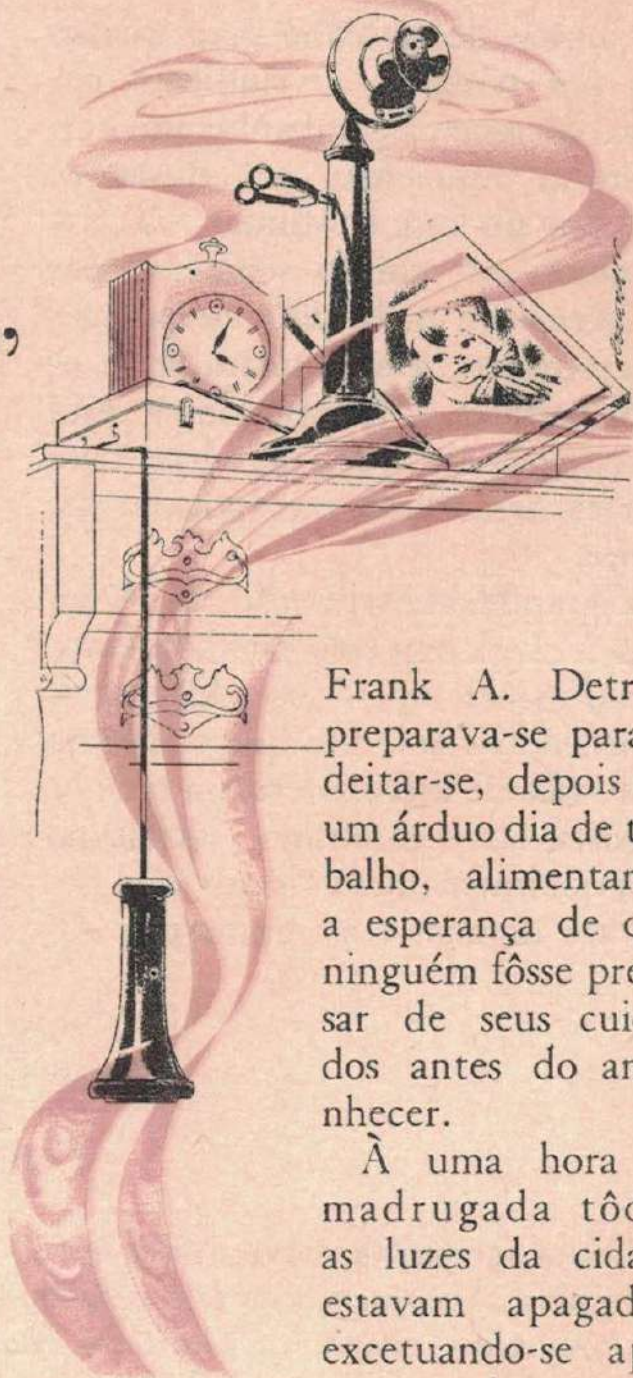
NA PEQUENA cidade de Vineland, no Estado de Nova Jersey, numa noite de outubro de 1929, a temperatura caíra bruscamente. Em sua pequena casa de madeira da Rua Elmer, Nicholas Pennino sentiu frio enquanto estava revisando as anotações diárias de sua empresa de caminhões. Chamou sua esposa, que estava no andar superior, e perguntou:

—Não seria melhor acender o fogo na estufa?

Ela concordou. Estava ocupada naquele momento pondo na cama Marjorie, a filhinha do casal, uma menina de dois anos de idade, de cabelos castanhos.

O fogo de carvão na estufa de ar quente bem depressa aqueceu a casa. Passado algum tempo, Nick diminuiu o fogo para deixá-lo aceso durante a noite, e o casal foi dormir.

Noutra parte da cidade, o Dr.



Frank A. Detrick preparava-se para ir deitar-se, depois de um árduo dia de trabalho, alimentando a esperança de que ninguém fôsse precisar de seus cuidados antes do amanhecer.

À uma hora da madrugada tôdas as luzes da cidade estavam apagadas, excetuando-se apenas as dos restau-

rantes que permaneciam abertos a noite tôda, as da delegacia de polícia e as do prédio da companhia telefônica, onde a Sra. Shirley Hanson, a telefonista de plantão, atendia às poucas ligações que fôsem pedidas.

Quase amanhecia quando uma luz se acendeu na sua mesa de ligações.

—Número, faz favor? disse ela. Ninguém respondeu.

Um fone fora do gancho durante o dia pode significar apenas que tenha sido inadvertidamente tirado do lugar por uma dona de casa ao espanar o aparelho; tarde da noite, porém, pode ser alguma coisa séria. A Sra. Hanson escutou atentamente. Tinha a certeza de estar ouvindo o som de uma respiração arfante.

—Número, faz favor? insistiu:

—Telefonista.

Foi uma voz de homem, fraca e trêmula, que balbuciou a palavra. Entrecortadamente deu um número. Depois, silêncio outra vez.

A Sra. Hanson sabia que a chamada tinha partido do telefone de Nick Pennino. Sabia também que o número pedido pela débil voz de homem—um número freqüentemente chamado tarde da noite, e sempre por vozes aflitas—era o do telefone do Dr. Detrick.

Imediatamente fêz uma ligação para o médico.

—Doutor, aconteceu alguma coisa na casa dos Penninos, na Rua Elmer, disse ela.

Em seguida, comunicou à polícia.

O Dr. Detrick partiu apressadamente para a casa de Nick, imaginando que a pequena Marjorie Pennino tivesse adoecido. Ficou, porém, muito intrigado quando percebeu que não havia nenhuma lâmpada acesa na casa. Tocou a campainha, mas ninguém apareceu. Tocou de novo. O silêncio mortal de novo se seguiu. Encostou o ombro à porta e tentou forçá-la. Naquele momento chegaram dois policiais e

os três homens conseguiram arrambar a porta.

O primeiro bafo de ar que veio do interior da casa fêz com que o Dr. Detrick ficasse sem fôlego.

—Monóxido de carbono, disse êle. Abram as janelas.

Correu ao andar superior, com a esperança de chegar ainda a tempo. O organismo humano é capaz de resistir durante algum tempo ao monóxido de carbono emanado de uma estufa de carvão cujo fogo tenha sido abafado; mas logo após o estado de inconsciência vem a morte. O médico ligou a luz do quarto de dormir. Nick Pennino estava no chão. A seu lado balançava-se o fone. Sua mulher parecia dormir.

A primeira preocupação do Dr. Detrick foi a criança, que jazia imóvel em sua caminha. Procurou sentir o pulso de Marjorie. Encontrou-o; ainda estava viva.

Chamou então os policiais:

—Venham cá depressa e levem esta menina para a varanda, disse êle.

Em seguida, dirigiu sua atenção para os pais. Ainda respiravam. Também êles foram carregados para a varanda. Por meio de respiração artificial a família logo voltou a si. O socorro tinha chegado na hora exata.

Um dos policiais, voltando ao quarto para verificar se estava tudo em ordem, reparou no telefone que continuava fora do gancho, pendurado. Tomou o aparelho e falou com a Sra. Hanson.

—Foi monóxido de carbono, disse

êle. Estão todos salvos... graças à senhora!

Acontecimentos dessa natureza não são raros nas companhias telefônicas, pois tôdas as telefonistas são especialmente treinadas para saber agir com presteza em qualquer emergência, principalmente quando um fone fora do gancho traz apenas o som de alguém que está em apuros. Mas isso não impediu que o salvamento da família Pennino tivesse tido extraordinária repercussão na pequena cidade.

Com o decorrer dos anos, porém, a história foi esquecida, exceto pelas pessoas diretamente envolvidas no caso. Estas nunca esqueceram—e menos ainda a pequena Marjorie, a quem seus pais contaram, depois de crescida, como a ação rápida de uma telefonista salvara a vida dos três.

EM MARÇO DE 1949, a Sra. Mary Ferguson, de 62 anos de idade, residente na mesma cidadezinha de Vineland, encontrava-se acamada, em sua casa na Estrada South Main. Lá fora fazia um frio de rachar, e o forno de calefação da casa tinha funcionado o dia inteiro.

Vários pedidos de ligação chegavam ao centro telefônico naquela tarde e as telefonistas estavam bastante ocupadas. Quando uma delas atendeu a uma chamada, na sua mesa de ligações, ninguém respondeu.

—Número, faz favor? repetiu.

Também dessa vez não obteve resposta, mas ouviu o som de uma respiração penosa. Em seguida uma voz

de mulher se fêz ouvir ao telefone, muito fraca:

—Telefonista... procure o Sr. Ferguson, meu marido. Estou morrendo!

Várias ligações esperavam para ser completadas e por isso a telefonista transferiu o angustiado pedido para a telefonista-auxiliar, uma bonita jovem de 22 anos. Esta achou logo o endereço da casa dos Fergusons e chamou a polícia.

—Há uma caso de emergência na casa dos Fergusons, na Estrada South Main. Não demorem!

Feito isto, ela pôs-se a procurar o Sr. Ferguson. Não sabendo onde êle poderia ser encontrado, ligou de novo para a Sra. Ferguson, cuja voz cada vez mais fraca pôde apenas murmurar:

—Trabalha... na Rua Howard...

A telefonista-auxiliar deu início, então, ao trabalho de telefonar para tôdas as firmas daquela rua. Finalmente encontrou-o.

Alguns momentos depois, um policial telefonou da casa de Ferguson para o centro e disse que haviam encontrado a idosa senhora quase morta de asfíxia por monóxido de carbono; já tinha sido reanimada e estava a caminho do hospital numa ambulância. O policial felicitou a telefonista-auxiliar pela presteza da sua atuação.

Quando a Sra. Ferguson se restabeleceu, foi visitar a moça para agradecer-lhe. E não precisou dizer muita coisa para manifestar o que sentia, pois a bonita telefonista era

Marjorie Pennino, cuja própria vida havia sido salva vinte anos antes, exatamente da mesma maneira.

Não são todos, porém, que têm uma oportunidade como a que teve

Marjorie, de retribuir completamente uma vida por outra vida. Algumas vezes há necessidade de uma coincidência fantástica e quase inacreditável para que isso possa acontecer.



A mentira do mês

DE UMA CARTA de A. P. Zmiyevski, na revista russa *Agricultura Socialista*:

Tenho tido freqüentes oportunidades de visitar os Estados Unidos e apreciar o famoso «Sistema Americano de Vida» em sua nudez indisfarçada, e não como aparece nos filmes de Hollywood.

Nas ruas de Nova York, Baltimore, Filadélfia e outras cidades, encontram-se a cada passo pessoas magras e maltrapilhas com cartazes no peito:

«Não tenho o que comer. Aceito qualquer trabalho. Por favor, arranjem-me um emprêgo. Meus filhos estão morrendo de fome.»

Milhões de americanos não sabem o que significa infância, adolescência, juventude. Eles têm de pensar na subsistência desde os mais tenros anos. A vida do povo é uma luta desesperada por um pedaço de pão. O número de crianças que trabalham cresce de ano para ano. O dia de trabalho das crianças é de 12 horas ou mais e o pagamento é verdadeiramente insignificante.

Nota-se em tudo a fascistização do país. Milhares de americanos estão sujeitos a perseguições, são metidos na cadeia por pronunciar uma palavra que seja contra as práticas criminosas dos imperialistas, por comparecer a comícios em defesa da paz, por manifestar descontentamento em face das dificuldades de vida. Se um operário é encontrado a ler um jornal progressista, é imediatamente despedido. Todo o país está coberto por uma rede de espionagem secreta ou ostensiva, que espiona os trabalhadores, fotografa-os, escuta-lhes as conversas e registra as suas palavras por meio de gravadores de bôlso. Essa é a «democracia» americana.